



**ROSA BRASILEIRA**

# **JORNAL DOS DOMINGOS**

## **DEDICADO AO BELLO SEXO**

VOL. IV.

DOMINGO 24 DE ABRIL DE 1853.

N.º 9.



### **LITTERATURA**

#### *O Seculo actual—considerações geraes*

**Q**UEM se concentra diante das dimensões vastissimas do progresso que vai levando o seculo actual, fica por certo absorto, ao compulsar das paginas, nas quaes vê estampado todo o desenvolvimento de que elle é capaz.

E' em verdade—um seculo de industria, de progresso e de saber, e tão colossal se tem apresentado, que bem pode affirmar-se, ter a sciencia humana confundido em seu poderio a sua vastidão, como a rainha absoluta de todas as concepções e destinos do homem.

Mas quando a par destas considerações que a reflexão suggere, devidas todas á tranquillidade do raciocinio, se descobre a causa que

tem extremado as vicissitudes do progresso, por certo que a razão retrocede, e desanimada e confusa se perde diante de todos os seus calculos.

Na manifestação da industria, como do saber ha um ponto no qual se vão por assim dizer depurar todos os preconceitos de que é capaz a mente humana, quando em suas conjecturas, sò procura o resultado de seus problemas traçados como centros de irradiação para a comprehensão de suas verdades. Estas não são nem podem ser senão, a utilidade e vantagem da pratica, ou mais explicitamente,—a applicação das doutrinas de progresso, ensinadas e explicadas, como dogmas que podem e devem eternisar a razão salutar da sciencia e da industria de um seculo.

Se partindo destas considerações geraes, nós chegarmos á especialida-

de de cada uma dellas, muito justos seremos, se a cima de tudo, considerarmos a educação em geral, abrangendo a instrução e consequentemente a intelligencia.—

Esta é a reflexão que melhor basearia todo o desenvolvimento do nosso artigo, e dahi continuando methodicamente poderíamos chegar ás manifestações do *querer humano*, e assim teríamos generalisado a materia, descortinando todos os grandes factos dos quaes tem sido motivos, o progresso e a industria.

Se discutindo o primeiro topico do artigo, nós pertendessemos estigmatizar a educação dos povos bastaria provar que a superficialidade no saber, devida á falta do methodo, não pequenos embaraços tem produzido, que difficultam a sua marcha provavel: então nós fallariamos do orgulho, do despotismo e da incapacidade. Mas se as vantagens do progresso todo explicado pelo desenvolvimento do espirito humano tem sido até hoje o fanatismo dos povos, como duvidar das theorias que generalisam todos os conhecimentos humanos, querendo sustentar a censura que toda recahiria no regresso?..

Tão cobarde não é o espirito, que não possa reconhecer a fraqueza do sophisma, e nem por isso tão corrupto se acha o coração que não comprehenda que só aos timbres de sua sensação por sem duvida identificado á intellectualidade de sua natureza, muito deve de sua vitalidade.

Talvez de mais tenhamos dito, para sermos comprehendidos no proposito que levayamos, demonstrando que a unica base verdadeira-

mente solida, só poderia ser, a da educação.

Mas o abstracto de certas epochas caracterisadas, pela hydra do egoismo, talvez conspurcar podessem o philosophico de taes verdades.

Não receíamos porem, por que a razão tem seus dogmas preferiveis que a universalidade da luz da verdade em todos os tempos tem respeitado.

E assim evitando os extremos das opiniões, nós podemos desenvolver com as doutrinas do eclectismo as considerações ácerca do seculo.

Em relação á media idade, talvez a nossa epocha actual não podesse ser muito defendida de seus graves prejuizos, e isto por que o feudalismo se intrometteria explicado como synonimo do pouco apreço que á educação e instrução, por diferentes quadras, se tem dado, não pela inercia do espirito que é sempre activo, mas pelo cataclismo que ás vezes em tempos de agitação, tem produzido a caducidade do exclusivismo das ideias.

Mas, se prescindindo da comparação, nós só procurarmos avaliar a força da generalidade da ideia, que admittimos como base—a educação em seus ramos; á fé que generosos, não podemos desconhecer como capital, a vantagem que sobre todo o progresso pode levar—a grande theoria da educação intellectual.

Ha povos cuja natureza não pode ser a da ociosidade, as phases de sua vida, as condições de sua existencia social, os periodos importantes de seu espirito, demonstram até que ponto, são elles accessiveis,—e para taes casos, as primeiras considerações do seu progresso.

(Continua.)

## O BANDIDO

**E**IL.-O nos bosques e nas selvas, qual um rei, dominando a lei, tendo o sceptro e a corôa na ponta do punhal, e de tudo zombandô — por que elle é um *bandido*, e atravessa os bosques e as selvas no meio dos seus vassallos que não lhes mentem, recebendo o riso de suas damas que não são os da traição — por que o *bandido* vive nas selvas, e ali não ha a vaidade da côrte, a traição e a hypocrisia — e elle zomba dos reis da terra, por que suas corôas de refulgente metal lhes peçam, e a do *bandido* é leve como a lamina do seu punhal — seu unico diadema real, com o qual domina, e atterroriza tudo!!

O *bandido* vê lá por detraz dos montes nascer o sol a festejar-lhe, e elle encontra nisso as suas mais ternas meiguices — por que o *bandido* é um homem que ama o bello da natureza, que tem um coração vivo de emoções — um homem que desprezou o mundo, tomou a mascara de *bandido*, ergueu um punhal, e com elle — rei orgulhozo — lá foi pelejar pelas selvas e bosques — e seu nome ficou respeitado — e elle ganhou riquezas pelejando, e pelejando teve sceptro e corôa, que é o poder do seu punhal!

Homem! quem te arremessou nessa vida? quem te ergueu na destra o punhal do *bandido*?! Ditas as leis nos montes, governas as selvas e os bosques — *bandido*, quem és tú?

Um homem, que o mundo talvez não comprehendeu, e que tentando em balde suffocar no peito toda a força da dôr dos seus despresos, reprimiu os gemidos de sua alma

torturada, abaffou os suspiros, e mais não poudo, fugio para os bosques; por que lá ao menos — no bello da natureza, um élo doce o prenden a vida; e no punhal do *bandido* vinga-se dos despresos do mundo! Um homem, talvez enganado nos seus mais puros sonhos de amor, e que vio desaparecer, uma por uma todas as fíticas esperanças de sua felicidade — um homem que talvez adormecido nesses beijos de fogo, libado em amplexos de amor, creu na ventura da flor mais feiuceira que sorria-lhe no jardim da vida — a mulher; por que ella acolheu os seus juramentos, e a final levou-lhe a dôr ao peito, torturou-lhe os seios da alma — foi uma perjura!

Um homem talvez que rasgou a venda que encobre o coração humano, encarou este mundo pestifero, e lá foi respirar o ar puro dos bosques — por que lá elle é rei, domina, — por que a sua vontade é o seu punhal, e o seu punhal pôde tudo!!

Venha ao bosque, venha a selva,  
Que o *bandido* aqui é rei;  
Nestes montes tudo é d'elle,  
Por que d'elle parte a lei;  
Tem prazeres, tem encantos  
Que eu dizer não poderei.  
As meiguices que elle tem  
São d'elle, de mais ninguem.

E' o *bandido* um homem  
Pelo mundo renegado,  
Mas nos bosques e nas selvas  
E' elle mais do que ousado.  
E' o punhal do *bandido*  
Seu amor idolatrado;  
As meiguices que elle tem  
São d'elle, de mais ninguem!!...

I. R.



## ROMANCE

## A BELLA CORDOEIRA

2.<sup>o</sup> VOLUME

Vide o n. 4.

XIII.

UMA CAPTIVA

Espantou-se diante das grades de ferro que guarnecem as janellas do seu quarto, como se pela primeira vez as vira, turba-se notando que quando passeia pelo jardim nunca ve uma porta aberta; que essa velha e esse frade que a escóltam, que essas camareiras que a seguem são outras tantas velas e guarda que lhe deram.

Em seus planos d'escapula já ella calculou que se illudindo os olhos, chegasse de noite a ganhar os terrados, bastariam lençoes atados uns aos outros ou uma simples corda para descer pelo muro. Ella se achava então na estrada publica que vai costeando o Tibre.

Ella pode pois vóltar breve á poderosa protecção do Condottiere?

Não.

A' proporção que o pensamento lhe suggere e embala todos estes meios destinados a segurar-lhe a partida, ella se vê desvanecidos um a poz outro por algum obstaculo.

Para chegar a esses jardins, a esses terrados, muitos lhe é de noite andar na escuridão; sahír do seu quarto e atravessar os outros em que dormem suas camareiras sem que o ranger de uma porta sem que o rumor de seus passos, sem que seu mesmo halito a descubra no silencio! Chegada sem desastre á sabida do pavilhão que ella occupa, encontrará fechaduras massicas, cadeados, e ferrolhos. Janellas ovaes se erguem, é verdade pouco acima do chão, mas todas defendidas com vidraças fixas por traz das quaes surgem duas barras de ferro em cruz. Mas concedendo que pudesse

superar todos esses obstaculos, nada mais conseguiria do que pôr pes no pateo em que velam a essa ora, enôrmes cães de fila; e as portas do paço ractivas as sentinellas; e nos jardins e terrados outros cães de fila rondam de noite, e bem assim outros soldados em roda dos muros pela parte de fora.

Impossivel era por tanto a fuga, e por isso cahio Oletta em grande desesperação.

A' hora de vespas estava conforme costumava, junto de uma janella que deitava para o rio. Entregue a mil agitações d'espírito, seguia maquinalmente a zoadá dos sinos que se estendia por toda a cidade, quando se lhe figurou que ouvia de mistura sons semelhantes aos de uma gaita de folles. Leves e rapidas cadencias pareciam correr através dos vibrantes repiques que sabiam das sinistras das igrejas.

Não lhe dera a captiva a principio attenção alguma; mas, quasi sem o saber a lembrança de *Pifero*, desse seu guia tão moço, tão alegre e tão affectuoso se lhe viera insinuar no meio das idéas graves e solemnes como as modulações de flauta através dos zunidos dos sinos

Tornada a si, olha Odetta ao longo da estrada e das margens do Tibre; nada vê, nada mais que um batel que sobe pacificamente pelo rio, levado por um unico remeio,

De repente s'ergue um homem do fundo daquelle barco: é elle! E' *Pifero*!

Ha tempos que corre fama em Roma que o Tribuno Senador conserva encerrada na mais occulta parte do seu palacio uma formosa rapariga loura trazida por elle do reino da França. Disperta-se no espirito do bandoleiro a suspeita, o qual tornando ao convento della *Pieve*, para saber novas da Cordoeira, ali soube de sua partida para Roma, espia, fareja em roda daquelle palacio; tenta entrar nelle até por sorpresa; mas

os guardas e os cães lhe frustrão as tentativas! Engenha então outro meio.

Sabe uma das camareiras todas as manhãs a compra de mantimentos. Elle a segue; a criada é moça, cortez e de facil successo. Pifero que nunca conhecera timidez, em breve travou conversação, e passados poucos dias, desembaraçado e galhardo com mão nas cadeiras, á sabida do mercado, atravessava as ruas de Roma, junto della, levando á cabeça com ufania um cesto de mantimentos.

Assim a foi acompanhando ao palacio enatorial, e até ao primeiro patêo, em que estavam as cosinhas: passar dali era-lhe vedado. Mas agora sabe em que parte daquella grandiosa fabrica reside a estrangeira, e tentou uma experiencia, persuadido de que se a formosa rapariga for a Donna ella se recordará da bella aria que tantas vezes lhe souo ao ouvido debaixo das verdes tendas dos bandoleiros.

Percebendo a Pifere, deo Odeta um grito de alegria, ja ella não está só! Um amigo vela na sua pessoa.

Chegada a noite, attenta ao menor rumor do rio, ouviu um leve cachão nas ondas, depois algumas notas destacadas, preludio incomprehensivel. para todos menos para ella, do canto dos aventureiros, nò mesmo instante, um barco costeou a ilha de Tyberne, e veio fungear na margem esquerda do Tibre, quasi debaixo da janella.

Dobrou quasi á pressa a redusa uma extensa carta que escrevera; fez um embulho da carta e de algumas joias que trouxera com sigo, por meio de fitas atadas umas nas outras, desceo o embulho pelo muro. Como sentisse movimento na fita e que ella fora alliviada do peso, o brado de uma sentinella souo e a gelou de susto. Mas ja o homem estava de volta embarcado, e deitava ao largo á força de remos, e sem ditação, se erguia no meio das nevoas a voz dura

e arguda de Pifero para entoar o seu canto das verdes tendas.

Nessa mesma noite a todo o risco partiu de Roma para se reunir a Fra-Moriale.

A penas este chegava ás fronteiras de Modena, quando Malba de Ferro appareceu diante delle a tempo em que fizera alto, e lhe annunciou que o soldado compacheiro da Cordoeira na fugida, entrava no campo e pedia ser-lhe apresentado.

— Não desejo vel-o! Clamava o Condottiere com subita explosão de furor! Prendam-no e matem-no! Morra debaixo do azorrague de ferro como cobarde! Pague por si e por aquella de quem foi infame complice!...

Apenas findara, já Pifero lhe entrara pela barraca, e com um joelho em terra lhe entregava a carta: Mata-me, dignissimo, disse-lhe; mas ao menos não vos tolha isso de leres este papel; que por ELLE vos é dirigido!

Na vespera havia Montreal ouvido a denuncia dos dous cavaleiros fugido das prisões de Rienzi. Recordando-se de que Odetta outr'ora amara ao Romano, lembrando-se das circumstancias em que lhe fugira do campo, quando Rienzi desembarcara em Pisa; a estrada seguida por ella, a que justamente ia ter ao encontro deste; que ella mesma, ou ao menos Pifero em nome della invocara a assistencia do novo Senador de Roma contra seus bandoleiros, que a podiam trazer a elle, não duvidou que existisse alguma conjuração ou connivencia della com Lourenço.

Mas nelle tão violentas eram as emoções como pezares. Correndo a carta, suas duras convicções tão enraizadas cahiam immediatamente uma a uma; um relampago de alegria, logo seguido de estremecimento de raiva, lhe illuminava o rosto, uma lagrima enternecida, talvez a primeira que derramou talvez, se lhe deslisava das palpebras e todavia as obrancelhas arqueadas e irriçadas ainda respiravam ameaças. (Continua)

## CRONICA SEMANARIA

**D**E ha muito que não tratamos de um baile na nossa *chronica*. Ainda bem que desta vez temos mais de um; e o nosso *mundo elegante* que saúda o inverno, repleto de alegria, por que com elle os nossos salões vão tomando essa vida de animação, e de bellas sensações, que com os bailes se frue no gôso de um delicioso sorrir, no estremecimento do contato de uma delicada mãosinha, ou no magnetico olhar de uma virgem.

E quem não gostará de um baile? Essa vida gozada entre delicias, no meio das bellas, entre os perfumes das flores—escutando os harmoniosos sons dos instrumentos, ouvindo e vendo tudo quanto pôde fascinar a imaginação?! Um baile da *Vestal*, por exemplo, que sabe sempre attrahir o bello da sociedade fluminense, e que n'uma reunião, como a de Sabbado, conquista os louvôres de todos, que presentes, gozam dos seus encantos?!

A *Vestal* é sem duvida alguma um dos nossos primeiros bailes, e as suas reuniões são sempre bastantes animadas e concorridas.

O baile de sabbado teve um crescido numero de lindas moças, cada uma das quaes primava no bom gosto e elegantismo dos seus *toilettes*, e a acreditarmos n'um nosso amigo a bella do vestido de escomilha côr de roza, com fitas no cabello da mesma côr, imperou, e muito, n'essa reunião de tantos encantos. As tres irmans, que por alguém hão sido baptizadas pelas—graças—tambem

estiveram presentes, e pelos seus attrativos e delicadas maneiras souberam conquistar as affeições de seus cavalheiros. Eram muitas as deidades que por lá fascinaram, e se não que o digam todos aquelles que assistiram a esse brilhante baile, e que não cessam de tecer ellogios a Directoria por tão completa reunião.

Outro tanto aconteceu a *Phil Euterpe* na sua reunião de recreio na mesma noite de sabbado. Tudo quanto pôde enthusiasmar o coração, e fascinar a alma teve a parte harmonica do baile.

A encantadora voz da Sra que em primeiro lugar cantou—a melodia e harmonia celeste de seu canto primoroso; as outras divinas peças que foram executadas excellentemente, tudo fez—passar-se uma noite mais que deliciosa, no meio das mais lindas e mais feiticeiras damas, que fascinavam tantos corações que por lá palpitavam ebrios de doces emoções. Pobres de nós! que sentimos não poder assistir a essa reunião, onde tudo foi mais que bello, porque os lindos olhos de uma moreninha, as graças de uma mimosa flor do Catette, os risos feiticeiros da encantadora menina de vestido branco com fitas azues, tudo tornaram a noite mais que linda—fascinadora, e que será sempre recordada com saudades.

Dançou-se tambem muito, e a bella dama de vestido de escomilha branco, e que com tanto primor escondia a sua camelia, foi por mais de um ellogiada no seu walsar tão divino.

Muito perdemos nós em não irmos ao baile, que tão ellogiado ha sido,



pois que não passaríamos a noite tristonha que nos offereceu o poetico bairro de S. Christovão.

A Sociedade—*As Noves Muzas*—tambem na noite de sabbado deu o seu baile, e ainda que pouco concorrido, não deixou contudo de ser bastante animado, por que lindas e feiticeiras eram as damas que aformozavam o salão.

No domingo celebraram-se duas festas pomposas; a de S. José na sua freguezia, e a de S. Braz no Mosteiro de S. Bento. A primeira festa com todo o brilho e esplendor chamou uma extraordinaria concorrencia ao Templo, que estava ricamente armado. Cantou-se a primeira missa do maestro Geannini; foram pregadores ao Evangelho o Sr. Conego Barbosa França, e ao Te-Deum o Sr. Conego Almeida.

Na festa de S. Braz pregou de manhã Fr. João de S. Candida, que brilhou na sua elloquente oração; e á tarde Fr. José da Purificação.

O resto da semana passou-se sem um movimento qualquer para o nosso *mundo elegante*, e a não ser o brilhante soirée dado por Min Halbout na terça feira, que reuniu em sua casa uma escolhida sociedade, só teríamos o Provisorio e o theatro de S. Pedro para nos deleitar nessas tão cumpridas noites que vão passando; mas o bello soirée tão vivas emoções produziu, tão lindas eram as damas que lá estiveram, que por muitos dias foi elle objecto das mais amaveis conversações;—e a rainha da festa, que era festejada nos seus felizes annos, e os trovadores que os cantaram, muitos ellogios tiveram.

No theatro de S. Pedro tem estado em scena *O Chapeo de Palhinha de Italia*, excellente comedia que muito tem agradado. e o lindo mello-drama—*Trinta annos ou a vida de um Jogador*—que foi bem executado em alguns papeis.

E findando a nossa *chronica* devemos noticiar as nossas amaveis leitoras o que nos promete a semana que entra,

A *Phil Harmonica* de S. Christovão dá a sua reunião de recreio na noite de 27.

A *Phil Hebe* a 28 no salão da Vestal.

A *Philia* dá o seu baile no salão da Phil'Euterpe a 30.

A *Feliz União* tambem a 30.

## SEMANA LYRICA

NAS sociedades animadas pelo bom gosto, a musica tem seu predomínio admiravel, e classifica a especie de natureza e indole desse povo: não se desvaira a razão percorrendo outros interesses, quando a sublimidade dos encantos da harmonia se derrama e se traduz toda pela natureza da musica e sua influencia.

E é tão geral esse sentimento de adhesão que todos prestam ao imperio da harmonia, que os espiritos mais refinados, ou os animos mais exacerbados, todos se tributam á delicadesa do sentimento, e por assim dizer é n'essa occasião que se lembram que existem, por que sentem.

Não nos extendamos; vamos á substancia, e moderemos o desejo de demonstrar que o theatro lyrico é um dos elementos que pode con-

tribuir, como vai indo, para a partilha das mais agradáveis distrações.

Por exemplo, como se não hade educar o coração, quando a natureza se familiarisa tanto com o ameno, suave e delicado accorde, que tão apreciado e repetido, se tem tornado eminentemente popular, e que nem por isso saciou os desejos dos dilettantis? *Norma* e *Bellini*, seu coração e sua alma, eis ahí o que mais se pode dizer de um genio inspirado pelos angelicos espiritos. Sempre ha concorrência, quando o theatro lyrico annuncia que ha — *Norma*. A 17 do mez que corre, segunda feira ouvimos a opera de todos estimada, portodosapplaudida. *Zecchini*, *Kasttrupp* e *Gentili* forão os intrepécules de *Bellini*, e excitaram no povo, decididos louvores, que os foram depor, como gratos interlocutores, lá no paraíso, onde está o cysne italiano: — para sermos imparciaes digamos que nessa noite tivemos saudades da Sra. *Candiani*.

Quarta feira, segundo o que se havia lido nos Jornaes, — a noite era para *D. Pascoal*: os incommodos porém da priua dona deram causa a que, de preferencia fosse ouvida e applaudida a opera *Bondelmonte*. Ainda nos foi dado sentir o magico transporte, dos doces harpejos, que foi por alli derramando a Sra. *Zecchini*, — para nós, foi ella, quem mais e melhor salvou a opera, comprehendendo com esmero, os desejos dos que a applaudiram sempre.

Houve, e isto não póde ser despercebido, uma aria do *Elexir de amor*. — Ao Sr. Ramonda cumprio a execução. — Quantas considerações se não despertam agora, ao pre-

tendermos analysar os episodios que se deram: entretanto a nossover essa inesperada ovação com a qual foi recebido o Sr. *Ramonda*, foi talvez para que se desvanecessem tantas prevenções, reanimando-se os *timbres* daquelle mesmo cantor, que em sua estréa, havia sido acceito na opera, *I duo Fuscari*.

Quanto ao movimento lyrico eis o que se deu, accrescentando de passagem uma bella aria executada pela Sra. *Zecchini*, na noite de 19 no theatro de S. Pedro, que attrahio grande pessoal dellettanti, que só foi applaudil a, cheio de ciúmes por ver em S. Pedro a estrella de S. Vicente. —

Não se á tambem fóra de occasião fallar do baile as *Ondinas*, que tem sido muito applaudido, apesar, das aguas do Sena — e do Pó — terem affluido em *Alcantara* e *Provisorio*. A musica é do Sr. Noronha, que tem a propriedade de fallar maravilhosamente, valendo se para esse fim, da magia arrebatadora que produzem as cordas do seu venturoso instrumento. — Eis ahí o que ha, quanto á nossa tarefa; e felizmente já as noites lyricas, vão-se acostumando a passar como parte integrante do nosso existir, o que bem prova, que a natureza e a indole se póde facilmente educar pela força do sentimento; e quanto maior fór a suavidade desse existir, tanto menor será o desregramento de nossos caprichos, que de sobra atormentam muitas vezes as almas, que não sabem comprehender o que é harmonia, o que é pensar, e o que é sentir, em uma palavra, não podem viver.

Bb.